

Agradecemos al Global South Studies Center y al Maria Sybilla Merian Centre Conviviality-Inequality in Latin America (Mecila) el apoyo generoso en la realización de este libro.



Mecila:

Cualquier forma de reproducción, distribución, comunicación pública o transformación de esta obra solo puede ser realizada con la autorización de sus titulares, salvo excepción prevista por la ley. Diríjase a CEDRO (Centro Español de Derechos Reprográficos) si necesita fotocopiar o escanear algún fragmento de esta obra (www.conlicencia.com; 91 702 19 70 / 93 272 04 47).

Derechos reservados

© Iberoamericana, 2022
Amor de Dios, 1 – E-28014 Madrid
Tel.: +34 91 429 35 22

© Vervuert, 2022
Elisabethenstr. 3-9 – D-60594 Frankfurt am Main
Tel.: +49 69 597 46 17

info@iberoamericanalibros.com
www.iberoamericana-vervuert.es

ISBN 978-84-9192-219-3 (Iberoamericana)
ISBN 978-3-96869-198-5 (Vervuert)
ISBN 978-3-96869-199-2 (e-Book)

Depósito Legal: M-12466-2022

Fotografía de cubierta: Dulana Tillmann
Diseño de cubierta: Rubén Salgueiros
Diseño de Interiores: ERAI Producción Gráfica

Impreso en España
Este libro está impreso íntegramente en papel ecológico sin cloro.

HETEROMELANCOLIA NO RIO DE JANEIRO. UM SUSPIRO DAS MULHERES ESPANHOLAS EM RELAÇÃO AOS HOMENS CARIOCAS

TILMANN HEIL

INTRODUÇÃO

Um momento chave da vida des novates vindes da Espanha no Rio de Janeiro foi algo de que as mulheres liberadas —mulheres mais de esquerda, liberadas— da Espanha se lamentaram, algumas vezes em tom de brincadeira, sobre suas vidas amorosas e sexuais no Rio de Janeiro: homens interessantes e atraentes, homens desconstruídos ou simplesmente homens bons, eram ou comprometidos ou gays. Como foi esse encontro das mulheres espanholas que chegaram à cidade nos últimos 15 anos com a diferença de gênero e sexual e como foi a experiência delas com o desejo no Rio de Janeiro? Este ensaio parte dos encontros de mulheres espanholas com homens queer na cidade cuja presença pareceu subsumir uma ausência de parceiros em potencial. Embora esse tipo de relato seja, no máximo, algo parcial, considerando a complexidade e a especificidade das subjetividades sexuais e de gênero na cidade, ele joga luz sobre uma experiência relevante de significado mais amplo que trato como heteromelancolia: identificando-se como de esquerda e liberadas, com desejo heterossexual, essas mulheres relataram um luto pelo desejo —e a impossibilidade— de encontrar amor e parceria leais no Rio de Janeiro, e em outros momentos rejeitaram expressões de heteronormatividade hegemônica.

Esta discussão revela uma das muitas dimensões de minha etnografia com recém-chegades de Senegal e da Espanha no Rio de Janeiro. Em meu trabalho, abordo os processos múltiplos de valoração e avaliação da diferen-

ça que caracterizam variados processos de classificação social que, nas suas intersecções, levam a ordens superpostas e entrelaçadas. Elas vêm à tona por meio da valorização e avaliação de diferentes pessoas, suas práticas e visões de mundo. Quanto às dimensões chave de sexualidade, gênero e desejo, as práticas queer se destacaram como a maior oposição à heteronormatividade propagada e ativa nas escalas global e local. A justaposição do queer e da heteronormatividade produz várias tensões relacionadas a política e desejos que informam tanto solidariedades políticas quanto lamentos emocionais na forma de heteromelancolia entre minhas interlocutoras.

O relato que se segue está baseado nas experiências do subgrupo das minhas interlocutoras no Rio de Janeiro, um grupo nuclear de cerca de dez mulheres espanholas. A faixa etária desse grupo é de 20 a 40 anos, são mulheres com alto nível de educação e se dizem liberadas ou feministas, politicamente à esquerda, tanto na Espanha quanto no Brasil. Em contraste às suas condições de vida relativamente semelhantes entre si no Brasil como novatas na classe média do Rio de Janeiro, seus históricos sociais e econômicos na Espanha eram muito variados. Como em 2020 eu já havia morado e viajado com a maioria delas no Brasil, assim como na Espanha, as conhecia o suficiente para ousar abordar as questões que levanto aqui.

Nos encontros sociais e entre a rede de amigas das minhas interlocutoras, havia muitas pessoas queer, predominantemente homens gays, tanto brasileiros quanto estrangeiros. Não era raro esses amigos próximos, vizinhos ou companheiros de atividades sociais celebrarem carnaval na rua ou passarem uma noitada juntas. A mesma intimidade que estabeleci com elas, também vi ser reproduzida nesses grupos. Os relacionamentos entre nós, feministas, mulheres liberadas, ou pessoas queer, eram baseados em nossa solidariedade política contra a hegemonia sólida das estruturas patriarcais e da heteronormatividade.

Em conversas longas e trocas de confidências, uma forte frustração com os homens brasileiros, especialmente os cariocas, surgia timidamente, porém com regularidade. À primeira vista, essa insatisfação advinha das estruturas patriarcais em geral, assim como do comportamento generalizado do machão, além da profunda falta de lealdade dos homens e de seu comportamento desrespeitoso e abusivo. Uma tensão forte emergia do desejo heterossexual das minhas interlocutoras ou mesmo de seu interesse genuíno por homens

brasileiros, por um lado, e sua liberação e abertura autodeclaradas, por outro. Minhas interlocutoras estavam preocupadas com o perigo e a violência reais às quais as mulheres no Brasil são expostas, reduzidas a objetos de satisfação sexual e usadas como garantias de reprodução. Ainda assim, elas raramente se apropriavam dessas experiências, dando a impressão de que essas realidades não se aplicavam a elas. Depois de anos de experiência acumulada, homens brasileiros, e especificamente os cariocas, pelo menos, pareciam bons para se divertir, mas supérfluos em todos os outros aspectos. Essa avaliação era feita tanto quando elas haviam aceitado esses fatos assim como quando continuavam a desejar que a realidade fosse diferente. As vidas das minhas interlocutoras se desdobravam como sequências de aceitação de uma relação heteronormativa, passar tempo solteira, tentativas renovadas de desenvolver relacionamentos sérios, ter amizades coloridas, ou viver em relacionamentos (implicitamente) abertos e optar por parceiros de outros locais. Embora fossem frequentemente sutis, episódios e relacionamentos abusivos e danosos faziam parte de fato dessas trajetórias (cf. Piscitelli 2015).

Abstraindo da experiência individual, as mulheres afirmavam uma falta geral de homens adequados no mercado para pessoas procurando mais do que algo breve. Além disso, homens bons que fossem tanto atraentes fisicamente quanto com potencial para serem parceiros de longo prazo e que tivessem posições políticas semelhantes quanto a gênero e sexualidade vinham com um dos dois erros: ou eram comprometidos ou gays. Esse impasse era específico do Rio de Janeiro, mas tinha alcance global, sendo parte do patriarcado. Às vezes, eu detectava nas falas delas um medo de ficar para trás, uma interpretação que minhas interlocutoras rapidamente contestavam. Esmiuçando os comentários sobre os não/encontros com homens brasileiros mediados por suas amigas e visão de mundo compartilhada com pessoas queer, eu desenvolvo a noção de heteromelancolia para caracterizar essa encruzilhada desconfortável em que minhas interlocutoras se veem, dadas suas distintas experiências de diferença interseccional e conexões parciais com populações queer (marginalizadas) no Rio de Janeiro.

Em minha análise, opero dois significados de queer. Primeiro, uso queer como uma adição abrangente e mais recente para denominar as políticas e práticas relacionadas a gêneros e sexualidades não-binários, não-normalizados, que também estão sob o acrônimo em franca expansão LGBTIA+, com

uma grande diferença: enquanto cada letra do acrônimo se refere a uma identidade de gênero ou sexual distinta, queer tem o potencial de questionar esse essencialismo (estratégico). Ainda assim, pessoas queer no Rio de Janeiro vivem vidas muito diferentes sob condições extremamente desiguais, o que causa tensão. Na interseção do local e do global, das lógicas coloniais e neoliberais, as pessoas queer vão desde gays afluentes, muitas vezes brancos, homonormativos e internacionais, passando por pessoas queer negras, pardas ou asiáticas organizadas em movimentos não-hegemônicos e de orgulho que combatem desigualdades interseccionais, até as vítimas mais precarizadas e menos protegidas de homotransfobia. Segundo, essas vidas todas ainda assim se relacionam ao queer como uma operação conceitual que fundamentalmente questiona processos especialmente, mas não somente, de normalização de heteronormatividade (Warner 2000; Pelúcio 2016). Desenvolvido nas áreas de gênero e sexualidade como uma crítica da heteronormatividade e de binarismo simplista de gênero, o queer se refere conceitualmente ao contrário heterogêneo, plural e ambíguo de “normal”. Esse também é o caso quando Anzaldúa (2005) conecta queer à luta contra as dimensões múltiplas e interseccionais da luta (Rea and Amancio 2018, 15). Embora o queer tenha entrado mais ou menos recentemente nos debates no Brasil, o conceito é compatível com as análises de longa data das práticas e discursos de gênero, sexualidade e desejo que enfatizam as tensões e interseções entre quaisquer extremos binários e as inúmeras contestações e variações no meio do caminho (Rea e Amancio 2018; Pelúcio 2014).

Em contraste com o queer, a heteromelancolia é subproduto da melancolia de gênero (Butler 1995, 1997). A melancolia de gênero descreve analiticamente a experiência subjetiva da dupla impossibilidade de amar e sofrer pela perda de alguém do mesmo sexo por meio da qual a hegemonia da heteronormatividade é criada e estabilizada. Como minha interlocutora Isabel afirmou, comentando esse texto e em relação a si própria: essa “masculinidade tóxica homoafetiva. Parece tudo ter a ver com um brutal desejo reprimido onde as mulheres somos unicamente algo assim como uma necessidade de performance social da heteronormatividade” (Whatsapp, 2021). Na medida em que uma mulher jovem e liberada hoje em dia é claramente solidária com a rejeição queer dessa normalização melancólica do binário hétero-homo, eu uso heteromelancolia provocativamente para descrever o ato pesaroso e au-

torreflexivo de duvidar da dificuldade de viver o desejo heterossexual e uma parceria amorosa ao mesmo tempo em que se rejeita os princípios por trás dessas dinâmicas. Ademais, a heteromelancolia compartilha com a melancolia pós-colonial a patente “signature combination of manic elation with misery, self-loathing, and ambivalence” (Gilroy 2005, 114). Ambos advêm do desconforto, da surpresa e da culpa de ter acesso privilegiado a estruturas hegemônicas de poder, neste caso a heteronormatividade. Isso poderia ser sentido como luto pela perda de seu privilégio enquanto sujeitos hétero cis frente ao estruturalmente abjeto, mas cada vez mais autoempoderado queer. A melancolia se tornou um sentimento poderoso na medida em que a visão política impossibilita a opressão ou até a simples indignação contra a prática e o desejo queer. A heteromelancolia denota um envolvimento emocionalmente torturado com as relações e hierarquias do passado e do presente que são ao mesmo tempo desdenhadas e desejadas, silenciadas e verbalizadas em ações de subjetivação relacional e parcialmente conectada por meio de desejos e demandas heteronormativos assim como solidariedades feministas e queer.

Depois de uma breve discussão da minha abordagem metodológica, desenvolvo mais a fundo o cenário da minha etnografia debatendo as paisagens do gênero, da sexualidade e do desejo no Rio de Janeiro. Em contraste à predominância e a violência simbólica da heteronormatividade e do patriarcado, destrincho então as solidariedades queer-feministas. A partir dessa tensão, a heteromelancolia emerge como um efeito colateral lamentado, porém real, do desejo das minhas interlocutoras. Pretendo demonstrar como o encantamento aparentemente incomensurável das solidariedades e dos desejos arrisca dar lugar ao desencantamento da heteromelancolia. Essa luta e contradição se embrenhou e ressurgiu ao longo dos anos e das decisões concomitantes da vida de cada uma, incluindo a migração.

METODOLOGIA

Desde 2014, tenho vivido entre pessoas senegalesas e espanholas recém-chegadas no Rio de Janeiro, anos em que descobri meus próprios caminhos em meio às complexidades da organização social da área metropolitana do

Rio de Janeiro, como testemunha tanto de melancolia quanto de solidariedade. Na ressaca da crise econômica de 2008 na Europa, espanhóis migraram em grandes números para os países latino-americanos, incluindo o Brasil. Entre 2009 e 2018, o número de espanhóis registrados no Brasil aumentou em cerca de 40 por cento para um pouco mais de 130.000, dos quais a grande maioria pertencia a faixas etárias ativas economicamente (Instituto Nacional de Estadística-INE, 2008). Quanto à imigração espanhola, no entanto, as estatísticas oficiais só oferecem uma indicação, já que não chega nem perto da soma total a contagem de espanhóis no estrangeiro que registram formalmente sua mobilidade geográfica (González-Ferrer 2013). Muites eram recém-graduados, altamente educados (Domínguez-Mujica, Díaz-Hernández, e Parreño-Castellano 2016), que afirmavam ou estar viajando pelo mundo livremente ou terem sido forçados a sair do país por causa da política europeia de austeridade (Heil 2020).

Além de extensa observação participativa durante, neste ponto, os mais de 20 meses de trabalho de campo, incluindo conversas formais e grupos de discussão, pessoalmente e via redes sociais, conduzi entrevistas semiestruturadas para entender as posturas relacionais das minhas várias interlocutoras em 2014 e 2015, e depois de já conhecê-las há alguns anos. Entrei em contato com interlocutoras online, em instituições diaspóricas e por meio de redes da Espanha, expandindo meus contatos por meio de amostragem de bola-de-neve. A maioria das dez interlocutoras espanholas com cujas histórias individuais eu interajo a partir daqui fazem parte das 36 pessoas que entrevistei, a maior parte das quais vivia na zona sul, área privilegiada da cidade, ou em suas favelas gentrificadas. Elas fazem parte de uma amostragem maior e menos estrita de recém-chegados da Espanha com quem tive conversas informais e fiz observação participativa. Para este argumento, deixei de fora as experiências de casais espanhóis estáveis, assim como de homens espanhóis, que não tiveram a experiência de heteromelancolia.

Nas entrevistas, me apoiei em um catálogo de perguntas abertas relacionadas a migração, chegada, origem e visões de mundo, e perguntei como minhas interlocutoras enxergavam, avaliavam, incorporavam e desejavam todos os tipos de diferença em corpos e lugares do Rio de Janeiro. Embora isso ofereça percepções profundas sobre as trajetórias de vida em questão, a maior parte dos detalhes das experiências relatadas daqui em diante vêm da

parte participativa da pesquisa. Proeminente em conversas informais e nas situações do dia a dia, a heteromelancolia me pareceu íntima demais para abordar em entrevistas. Com o tempo, as conversas pessoais e em grupo por meio de aplicativos de mensagem enriqueceram ainda mais o material de pesquisa utilizado.

Sendo eu próprio um homem europeu solteiro, queer, branco e cis, participei curiosamente dessa vida que a cidade e sua população estavam propondo. Ideologias conflitantes de gênero davam o contexto da observação participativa, desde silêncios sobre o desejo queer até identificação e prática abertas. Para es senegaleses, muitas vezes, eu era o homem dos livros, enquanto conhecidas cariocas desconfiavam que eu havia vindo —como fazem muitos homens e mulheres europeus— “para fazer festa”, isto é, para me divertir e buscar encontros sexuais. Muitas mulheres espanholas, ao fim, concordavam que eu era o “alemão mais latino” que elas conheciam: sem reservas, expressivo, e de forma geral vivendo de acordo com os sentidos, algo que elas não esperavam. Essa multiplicidade ideológica e relacional nem sempre tornava a vida fácil, mas, com certeza, oferecia acesso privilegiado para debater e questionar gênero e sexualidade e sua intersecção com outros aspectos significativos da vida, como religião ou orientação política, a partir de uma posição de participante envolvido (Heil 2019).

Enquanto preparava este artigo, criei um grupo de WhatsApp para compartilhar o texto com e receber comentários de três das figuras centrais envolvidas. Com as outras, discuti individualmente o desenvolvimento do argumento. Compartilhando o primeiro rascunho em inglês em busca de comentários e críticas, fiquei em dúvida de como se identificariam com o argumento, que pode ser visto como crítico ou desfavorável às suas histórias de vida, suas limitações e suas opções. Em vez de trazerem objeções diretas ou críticas detalhadas, as conversas se tornaram mais uma fonte de reflexões detalhadas, fortalecendo substancialmente este argumento.

PAISAGENS BRASILEIRAS E CARIOCAS DE GÊNERO, SEXO(SEXUALIDADE) E DESEJO

Junto à explosão discursiva relacionada à identificação e atuação de interesses e prazeres sexuais por parte das mulheres desde os anos 1970 no Brasil,

o ativismo queer se mobilizou principalmente sob a demanda política de desmedicalizar e despatologizar o desejo e o sexo queer e gay, e de garantir direitos a homens gays. Apesar de conflitos, a antropologia no Brasil tem sido uma aliada central nessas lutas (Fry 2011). O feminismo e o ativismo LGBT enfrentaram simultaneamente a moralidade hegemônica conservadora, católica e puritana. Eles desconstruíram a corporeidade do gênero, expandindo e modificando os limites do corpo e amalgamando convenções culturais (Facchini 2016). Desde os anos 1980, isso resultou em uma desessencialização e pluralização de identidades locais de gênero e sexualidade, assim como um interesse na mistura, na indefinição e na transgressão (Simões 2016). Como resultado, proliferaram no campo debates sobre essencialização e construtivismo radical estratégicos (Simões e Carrara 2014). Nascidos juntamente com os movimentos negros e a luta mais ampla pela democracia contra a ditadura no Brasil, os ativismos de gênero e sexualidade no Brasil sempre foram pensados em suas interseções, mesmo antes de a interseccionalidade ter sido introduzida nos debates locais (Machado 2014). Gênero e sexo são racializados e separados por classe, algo que a violência contra a “mulata” (Silva 2006) e as geografias racializadas do desejo entre homens gays (Fry 2011) exemplificam de forma muito potente. Hierarquias e desigualdades são constantemente reformuladas nessas interseções (Moutinho 2014).

Essas lutas por liberdades e igualdade liberais enfrentam um desafio adicional no Brasil dado o fato de que a prática sexual configura o gênero hierarquicamente. Seguindo a lógica colonial, os binarismos de homem e mulher, hétero e homo, assim como cis e trans se interseccionam com a distinção entre o papel ativo e passivo no sexo, a questão de penetrar e ser penetrado (Fry 1982; Kulick 1997; Moises Lino e Silva 2017; Lugones 2017). Na medida em que papéis sexuais desconstróem o binarismo do sexo biológico, eles também mantêm as estruturas de poder instaladas pela heteronormatividade: homens de verdade ficam por cima, são ativos e penetram. Os outros são passivos, ficam por baixo, são mulheres, não-homens. Essa essencialização das hierarquias de gênero segundo o ato de penetração mais uma vez une a luta dos sujeitos mulheres e queer contra a heteronormatividade.

O confronto feminista-queer à heteronormatividade e o contra-ataque conservador seguem em frente com intensidade. A frequência horripilante com a qual homicídios de mulheres e minorias sexuais e de gênero ocorrem

oferece uma triste prova disso, assim como os debates políticos virulentos da contemporaneidade sobre sexualidade, identidades de gênero, casamento gay, educação sexual e aborto. Relegando outras demandas sociais e econômicas, a bancada evangélica do congresso brasileiro, por exemplo, cada vez mais exige a regulação de comportamentos sexuais e reprodutivos, de corpos dissidentes, pesquisas genéticas, casamento entre pessoas do mesmo sexo e adoção (Almeida, 2017). O assassinato de Marielle Franco em 2018, mulher lésbica negra, nascida e criada na favela, e na época vereadora, deve ser visto nesse contexto.

Por outro lado, vários políticos locais, regionais e nacionais continuam sua luta política e figuras públicas queer mantêm uma ampla visibilidade, tanto nacionalmente quanto internacionalmente. Os dois lados são fortemente midiáticos. Espelhando-se na vida cotidiana, Silva (2014: 237) conclui, sobre a voz ativa de seus interlocutores queer na favela carioca da Rocinha: “It was clear that people had a lot of fun talking about sex in general; gay sex was one of the favorite topics of conversation for most of my friends in the favela.” Isso se refletiu na percepção das minhas interlocutoras, que comentaram que o Rio estava se queerizando, ou, falando melancolicamente, que todo mundo estava virando gay.¹

Minhas interlocutoras estavam interagindo com uma cidade em que justaposições binárias robustas são mediadas por ambiguidades, contradições e multiplicidades. Ademais, as tensões entre prazer e perigo/violência eram ligadas a relações consensuais ou vulneráveis, assim como práticas de dominação ou submissão, todas situadas dentro dos conflitos normativos entre libertação e conservadorismo (Simões e Carrara 2014; Moutinho 2014). Essas tensões trazem à tona os muitos espaços e práticas ambivalentes e polimorfos no Rio, assim como seus correspondentes estereotípicos e identitários. É preciso prestar muita atenção às nuances de algumas das contradições queer que minhas interlocutoras estavam vivendo, na medida em que brasileiras e cariocas, de sua parte, adotavam tanto os extremos quanto

¹ Não existem estatísticas oficiais quanto às populações *queer* no Brasil. As estimativas ficam em cerca de 18-20 milhões ao todo. O projeto Mosaico Brasil de 2008 mostra que quase 20% da população masculina do Rio de Janeiro se identifica como gay ou bissexual (Abdo 2008).

as interseções, os espaços liminais e as relacionalidades dessas múltiplas dimensões.

A DISPONIBILIDADE DO PRAZER CORPORAL

A declaração melancólica de que os homens bons no Rio de Janeiro eram ou comprometidos ou gays expressou claramente a falta de sucesso na busca por parceiros adequados para relacionamentos duradouros. Essa melancolia pede que se enxergue o provincianismo das narrativas hegemônicas da esquerda europeia enquanto um grupo progressista e liberado, e o reconhecimento do desafio de satisfazer o desejo por relações heterossexuais e ao mesmo tempo rejeitar a hierarquia generificada da heteronormatividade. Com relação a ambos, descobri ambiguidades e áreas cinzentas em que as afirmações e contestações relacionadas a gênero, sexualidade e desejo tornaram inteligíveis os difíceis processos de conciliar sentimentos e posições políticas contraditórias.

Como uma primeira camada de experiência, o Rio de Janeiro era uma sedutora e sua população, amantes encantadores. Essa terminologia expressa fascinação e desejo, mas complica a possibilidade de futuros confiáveis, compartilhados, sustentáveis. Iris caracteriza poeticamente a cidade em sua entrevista:

Que yo creo que Rio es una seductora. Para mí, Rio es una seductora, es un amante además que te traiciona constantemente, te es infiel todo el rato. Es, o sea, si lo tenemos que poner así con una, para mí, Rio es un amante. Un amante super pasional. Que te es infiel, tú sabes que te es infiel, pero mismo quieres estar con él. Porque sólo él te da lo que no te da otro. Entonces, Rio es una ciudad llena de contradicciones, y yo que soy una mujer contradictoria per se, entonces es una ciudad que me combina super bien. Rio es una ciudad muy loca, y yo que estoy muy loca, entonces me combina super bien. Pero es verdad que es difícil de entender que una ciudad que te quita cosas al final sería una ciudad que te seduzca tanto.

As muitas histórias das minhas interlocutoras não deixaram dúvidas de que as relações casuais e o sexo com homens brasileiros sempre eram

uma possibilidade. Que eles também podiam ser abusivos e as relações poderiam envolver episódios de violência, era algo que ficava implícito na maior parte do tempo (ver abaixo). Novates, tanto homens quanto mulheres, vindes da Europa ficavam completamente envolvidos nesse jogo de desejo e satisfação, em que mudanças e autonomia individual eram as características definidoras. Certamente, a liberdade sexual e a habilidade de praticar seus interesses e prazeres sexuais afirmam materialmente as lutas políticas das décadas de 1960 e 1970 em diante, internacionalmente e no Brasil.

No entanto, projeções racializadas e culturalistas e implicações transnacionais do desejo e do sexo ressaltam as formas de prazer e desejo exotizadas que são projetadas nos corpos brasileiros. Elas mobilizam uma meia-verdade amplamente sustentada de uma leitura sexualizada da brasilidade:

A representação recorrente do Brasil como um país em que a relação com o corpo e com a sexualidade se reveste de uma atitude positiva, lúdica, de desinibição e fruição, realçada em contraste com valores e sensibilidades mais circunspectas e puritanas. ... uma fantasia masculina acerca de uma multiplicidade de mulheres exóticas, atraentes, sexualmente dispostas e disponíveis. ... um comentário coletivo da brasilidade, produzido e compartilhado por nativos e estrangeiros, homens e mulheres. (Simões 2016, 2-3)

Em circuitos turísticos transnacionais, esses corpos masculinos e femininos são vistos como representantes de uma disponibilidade e proficiência sexual racializada (Piscitelli 2015, 278). Na obra de Piscitelli, a masculinidade brasileira racializada e sexualizada toma forma de capoeiristas hábeis, enquanto entre as minhas interlocutoras era o carioca que evocava imaginários estereotipados desde o surfista até o músico ou sambista. Desejar e obter prazer a partir dessa virilidade poderiam ser posturas apresentadas como atos de emancipação e liberdade, mas esses atos silenciam com muita facilidade a própria constituição desse desejo no primitivismo e na simplicidade que ele demanda. Hierarquias racializadas se interseccionaram com hierarquias de gênero, em que o lugar da liberdade e do prazer ficavam desconfortavelmente entrelaçados com dominação e subjetivação.

VIOLÊNCIA INSTÁVEL

A configuração instável de um prazer intenso, porém inconstante, acabava dando lugar a violência, assim como hostilidade ocasional, abuso econômico frequente e subordinação mútua de outre cultural e racializada.

Como se voltando atrás na história, depois das conquistas celebradas por feministas, pessoas queer e outros movimentos sociais desde os anos 1970 e contra o pano de fundo dos dados chocantes que documentam os incontáveis homicídios de mulheres e populações queer, os movimentos sociais que lutam contra a discriminação de sexualidade e gênero afirmam constantemente “que o Brasil é um inferno onde prevalecem o sexismo, o machismo, a homofobia, a transfobia (Simões 2016, 3). Qualquer registro de violência sexual e de gênero confirma essa declaração: a cada 2 minutos, uma ordem protetiva urgente é concedida por conta de violência doméstica e a cada 7 horas uma mulher é assassinada por causa de seu gênero, sem contar aquelas cuja causa de morte principal não pôde ser identificada (Bueno and Fórum Brasileiro de Segurança Pública, August 07, 2021; Velasco, Caesar, and Reis, March 05, 2020). Quanto a pessoas queer, quase uma morre por dia como vítima de homotransfobia (Mott and Oliveira 2020). A normalização de violência sexual e de gênero, especialmente na atmosfera política atual, é refletida em uma contínua e crescente subnotificação desses casos (Cerqueira, Ferreira e Bueno 2021). Assim, experiências de violência, incluindo as formas mais extremas e brutais, são frequentemente parte das experiências sexuais de mulheres e pessoas queer no Brasil.

Politizadas e liberadas, as minhas interlocutoras conheciam essas estatísticas e faziam campanha contra violência sexual e de gênero de várias formas juntamente com seu apoio a outras causas, seja causas de esquerda em geral, ou de religião afrobrasileira, ou de quilombos urbanos, ou outras. Apesar dos fatos incontestáveis, suas referências à violência que sofreram era instável (Das 2008), dada a confluência de incontáveis emoções, desejos, expectativas e scripts sociais. Piscitelli (2014, 2015) relata que, por longos períodos de tempo, suas interlocutoras não foram capazes de enxergar os aspectos indesejáveis de suas relações com homens locais, como violência e abuso ou exploração econômica. Nos piores casos, se viam tomadas por sentimentos de fracasso, e nos melhores casos, se libertavam e seguiam em frente. O jogo

entre nuances de prazer e violência era importante, pois era ele que acendia as ambiguidades. Por não serem mutuamente exclusivas na prática, a tensão entre satisfação sensual e violência informa os entendimentos e sentimentos relevantes com relação a gênero e sexualidade assim como prazeres e perigos.

No Rio de Janeiro, boa parte dos relatos sobre problemas vividos ao se relacionar com homens cariocas dizia respeito a amigas e conhecidas, que nem sempre eram pessoas que eu conhecia, tanto locais quanto novatas na cidade. Por exemplo, minhas interlocutoras contaram a história de uma amiga espanhola que não havia conseguido sair de um relacionamento descrito como tóxico, caracterizado por sequências de violência física, assédio verbal e amor passiona. Essa amiga estava presa, incapaz de seguir em frente, e às vezes procurava outras opções para escapar da realidade. Em outro momento, ouvi um relato sobre um amante carioca passional, porém acusado de violência, que havia levado uma amiga para casa e depois a penetrou sem proteção e contra a vontade dela; um estupro que poderia ter sido um encontro prazeroso se a camisinha que ela encontrou debaixo da cama na manhã seguinte, enquanto ia embora chorando, tivesse sido usada.

Grupos no Facebook em que mulheres —espanholas ou não— denunciavam seus agressores se tornaram o único lugar de alento para elas, que temem serem julgadas por outras pessoas, até pelas amigas. Estereotípicos e cheios de preconceito, os nomes, lugares e outros detalhes tornaram esses relatos das minhas interlocutoras inquestionavelmente reais. Sobre elas mesmas, só compartilhavam histórias menos violentas ou deixavam passagens longas subsumidas ou relegadas a comentários circunstanciais:

A última vez q[ue] vi ele eu saí correndo na minha rua na madrugada atrás dele depois de ter chegado na minha casa bêbado e cheirado e colocado ele na rua e fui dar uma pancada com o meu pé na bunda dele tipo chutar o balde pra nunca mais ver ele na minha frente. (Whatsapp, 2021)

Parceiros locais iam e vinham, alguns ficavam, outros mudavam. Às vezes, minhas interlocutoras contextualizavam suas experiências à luz de hierarquias de gênero; outras vezes, preferiam a alteridade racial ou cultural para explicar o ocorrido; muitas vezes, era uma combinação das duas coisas, uma dinâmica que funcionava nas duas direções. Por um lado, os homens

brasileiros “machões” eram —pelo menos— superiores aos homens europeus na cama, apesar de não conseguirem ser bons parceiros, e por outro, a brancura das minhas interlocutoras as tornava atraentes. Como mostra Piscitelli (2015), os homens brasileiros muitas vezes viam as mulheres europeias como menos exigentes e mais permissivas, prontas para treinar sua passividade feminina.

As interseções de alterização racial, gênero e sexualidade, no entanto, produziam uma ambiguidade em que o prazer da sensualidade carioca aliviava, censurava ou recontextualizava a violência ao ponto de ficar irreconhecível. A sacanagem, como discutida por Roberto da Matta em relação à sexualidade, conecta as noções ambíguas de brincadeira e traição, diversão e vulgaridade, animação e transgressão. Ela se refere ao deleite, ao jogo, à humilhação, ou ao machucar, e também a tudo isso junto (Simões e Carrara 2014). Em atos sexuais compulsivos, perversos e muitas vezes incontrolláveis, é difícil distinguir entre o prazer e o perigo, pois permissão e violação são negociadas continuamente, uma se tornando a outra de um momento para o outro. Conceitualmente, a sacanagem é capaz de queerizar a heteronormatividade ao introduzir a polissemia, apesar da prevalência continuada de desigualdade. Ambiguidade, contradições e paradoxos se desdobram desde o prazer até o perigo, às vezes desejados, às vezes desprezados. Nesse jogo, os binarismos entre homem e mulher, hétero e gay, cis e trans são simultaneamente suplantados e mantidos. Abordadas por essa ótica, as infinitas modulações de configurações de gênero e sexualidade no Rio de Janeiro se tornam visíveis, assim como as reações variadas, fortes emocionalmente, e às vezes hipersimplificadas das pessoas envolvidas.

QUEER FEMINISTA: SOCIALIZANDO ENTRE PESSOAS COM AFINIDADES

Enquanto os relacionamentos com brasileiros acabavam e parceiros iam e vinham, muitas espanholas circulavam em redes de compatriotas que incluíam homens e mulheres, homo- e heterossexuais e pessoas queer. Amigos homens heterossexuais desse grupo de interlocutoras eram estrangeiros, com a exceção de uns poucos brasileiros que estavam em relacionamentos mais curtos ou mais longos. Os amigos homens mais próximos que cheguei a

conhecer eram quase todos gays. Eles claramente haviam se conectado ao vivenciar essa rejeição compartilhada da heteronormatividade e das estruturas patriarcais, uma parte significativa de sua postura política local e transnacional.

Eventos sociais em churrascos, festas em casa, encontros de fim de semana ou noitadas davam vida ao companheirismo entre mulheres e pessoas queer. Em uma instância emblemática da paisagem de gênero, sexualidade e desejo do Rio de Janeiro que se materializava nas expressões e jogos de corpos e estilos nas praias da cidade, nosso senso de grupo surgiu do compartilhamento de comentários espirituosos, críticos e cheios de desejo, enquanto ao mesmo tempo objetificávamos de brincadeira os corpos masculinos. Admitindo apreciar esses corpos esculpidos forjados nas academias sob a norma da heteronormatividade ao mesmo tempo em que lutávamos contra essas normas, às vezes discutíamos sobre quem iria pegar a presa. Incorporada ao estereótipo do Rio de Janeiro como paraíso sexual, a pergunta claramente permanecia retórica e em modo hipotético. Ao mesmo tempo em que se admitia haver apreciação e desejo, essa objetificação marcava uma conquista das hierarquias de gênero e sexuais da heteronormatividade conservadora. Por fim, nossos encontros e a heteronormatividade hegemônica pareciam dois mundos diferentes.

Esse outro mundo dos homens hétero-cis também existia entre es novates espanhóis no Rio de Janeiro. Eu mergulhava regularmente nesse mundo dos homens espanhóis, que às vezes incluía suas parceiras e alguma rara mulher espanhola solteira. Nos momentos de pico da migração espanhola para o Rio de Janeiro, se encontravam semanalmente em um boteco de esquina em Ipanema para beber cerveja e comer petiscos depois do trabalho. Foram poucos os momentos em que as mulheres com quem dialoguei para esta pesquisa também participaram desses encontros. Esse cruzamento parecia ser somente facilitado pela identificação enquanto espanhóis no estrangeiro, não importa o quão heterogêneas as realidades vividas fossem de fato.

Da mesma forma, amigos homens hétero eram presença rara nos almoços de domingo depois da feira da Glória, em um chorinho onde algumas de minhas interlocutoras costumavam se encontrar, no carnaval de rua ou em noitadas, ou —cada vez mais— em protestos políticos que reuniam todo mundo. As amizades formadas nesses círculos espelhavam o longo caminho

trilhado pelos movimentos feministas, negros e queer desde os anos 1970, cada vez mais defendendo lutas interseccionais contra opressões e construindo uma luta política compartilhada (Arbuet Osuna 2019; Facchini, Carmo, e Stephanie Lima 2020). Com o pano de fundo do patriarcado e da submissão sexual, nossos relacionamentos divertidos, amorosos e íntimos contrastavam muito com as amizades dos homens cis heterossexuais.

As amizades entre mulheres hétero e homens gays se interseccionavam ainda de outras maneiras, incorporando vidas negras, lésbicas, trans e migrantes. Nossa dinâmica social dialogava com a forma com que Taina descreveu a convivência no Núcleo de Consciência Negra da Universidade Estadual de Campinas:

A gente não é só negro, a gente é mulher, é bicha, é sapatão, é trans, é gay, é hetero, tem um monte de coisa ali e essas coisas ressoam na nossa convivência[...]. Não é uma coisa só! Rola sociabilidade, né, as pessoas são amigas, as pessoas se pegam, as pessoas vão pra cama, as pessoas se odeiam. (Taina, em: Stephanie de Lima 2020, 68)

Apesar dessa multiplicidade, as minhas interlocutoras frequentemente insistiam na praia que eu teria mais chances de sucesso com um homem qualquer que passava, dada a preferência sexual que assumíamos que ele teria. No entanto, quando o clima passava de cutucadas descontraídas para o lamento melancólico, dois desafios surgiam ao mesmo tempo. Primeiro, o oponente da heteronormatividade no ringue da zona sul do Rio de Janeiro havia se tornado a homonormatividade, cada vez mais propagada pelo mundo, a reprodução de valores conservadores, o consumo neoliberal e o estilo e estética hegemônicos masculinos praticados por homens gays muitas vezes brancos e privilegiados (Cascais 2015; Drucker 2018). As críticas estavam na ponta da língua, mas nós reconhecíamos que até mesmo a cooptação de homens gays afluentes na nação brasileira estava se desestabilizando sob o governo atual de Bolsonaro, impondo cruelmente a heteronormatividade branca.

Segundo, as brincadeiras sobre nossos diferentes potenciais de encontros afetivo-sexuais ressaltavam as limitações das minhas interlocutoras de agir de acordo com seu desejo sexual em sua socialização do dia a dia. Embora fosse prazeroso e acolhedor socializar em grupos queer e interseccionais,

homens hétero desconstruídos continuavam sendo aparições raras; ironicamente e dada a homonormatividade, mesmo muitos dos que encarnavam normas hegemônicas heterossexuais eram provavelmente gays. Finalmente, a importância do binarismo de penetradore/penetrade ou ativo/passivo na construção brasileira do gênero ditava que indivíduos queer claramente eram competitivos na briga por homens heterossexuais, era só querer.

HETEROMELANCOLIA COMO UMA ENCRUZILHADA IMPOSSÍVEL

Sem dúvida alguma uma hipérbole, a preocupação de que homens que haviam desconstruído a heteronormatividade estavam todos sob risco de virar gays expressava a dificuldade enfrentada pelas minhas interlocutoras de construir uma vida amorosa e sexual sustentável e agradável. Embora não fosse difícil para elas viver uma vida sexual animada e lúdica, assumindo os riscos causados pelas ambiguidades inerentes e pela transição instável entre prazer e violência, o potencial para parcerias de longo prazo parecia estar cada vez menor. Em contraste com as amizades e a solidariedade profundas nos grupos queer e interseccionais, a parceria heterossexual parecia estar fadada a arranjos cada vez menos atraentes.

Esse diagnóstico de mulheres liberadas que surge em minha etnografia reverberava em outros círculos e minhas interlocutoras concordaram que era, até certo ponto, uma condição vista em qualquer lugar do mundo. No entanto, a situação no Brasil e no Rio de Janeiro era particularmente ruim, elas logo acrescentavam. As reverberações entre generalização e especificidade local revelam que seu dilema não podia ser reduzido à situação específica do Brasil e tampouco simplesmente aplicado aos homens do mundo inteiro. As minhas interlocutoras tinham apreço por nuance e reconheciam que havia graus de comportamento heteronormativo e patriarcal. Ainda assim, a frustração que sua própria liberação produzia continuava sendo uma fonte real de melancolia, ativada por um gatilho local, mas válida globalmente. De fato, algumas pessoas que compartilhavam dessa posição política optavam por socializar entre pessoas com afinidades, mantendo sob controle seu desejo por uma parceria. Uma amiga brasileira resumiu a situação assim: o preço que se pagava por uma parceria, o de aguentar comportamentos patriarcais

e heteronormativos, era alto demais, não valia a pena. Projetos compartilhados com amigos eram mais satisfatórios e o prazer sexual estava disponível com relativa facilidade, uma perspectiva alinhada com uma lógica liberada de autodeterminação.

Ainda assim, a parceria enquanto projeto de vida em que os aspectos de relações sociais que de outra forma seriam compartimentados se combinariam continuava fazendo parte do léxico das minhas interlocutoras espanholas. Quando não realizado, mas reconhecido, esse desejo logo se resolvia por meio de piadas tristes ou risadas. Enquanto mulheres liberadas em círculos feministas ou queer, seus anseios por parcerias heteronormativas pareciam ser um amor que foi perdido por conta de sua emancipação e uma perda cujo luto não podia ser vivido em público por motivos políticos. A crítica queer da normalização e da heteronormatividade podia até pintar a situação como um amor que nunca teve chance de acontecer. Quando silenciados e negados enquanto experiência coletiva, seus desejos e anseios sentidos porém aflitivos se materializavam em uma melancolia vivida individualmente (Butler 1995).

Essa melancolia hétero também advinha da grande dificuldade de encontrar parceiros adequados para relacionamentos de longo prazo. Quando admitiam seus anseios, formar parcerias com homens que atendiam ao seu desejo heterossexual, na maioria das vezes, era algo irreconciliável ou exigia um rompimento direto com as políticas de gênero segundo as quais viviam. Enquanto cada instância de relacionamento fracassado também envolvia outros fatores individuais, a heteronormatividade continuava sendo uma força comprometidora central. Finalmente, o lamento meio jocoso sobre os homens virarem gays parecia simbolizar uma perda e um luto silenciados quanto ao privilégio das mulheres hétero e cis no mercado afetivo-sexual. Pessoas queer que eram anteriormente abjetas se tornavam cada vez mais poderosas, particularmente as travestis ou bichas brasileiras que desafiavam de frente as mulheres: seguras, elas afirmavam não querer ser mulheres, porque já sendo como as mulheres, eram mais bonitas e mais próximas dos parâmetros heteronormativos exagerados ou tinham mais vantagens competitivas dado seu sexo biológico (Kulick 2018). O companheirismo profundo sentido por mulheres liberadas e sua solidariedade com amigos queer tinha o potencial de aumentar ainda mais essa posição impossível: a de heteromelancolia.

(NÃO) PERMANECER COM O PROBLEMA

Ao longo dos anos, os caminhos desse pequeno grupo de interlocutoras tomaram diferentes direções, oferecendo um panorama variado que cobre uma ampla gama de experiências: algumas permaneceram ou se tornaram solteiras com interstícios de tipos diferentes de relacionamentos, abertos e fechados, honestos ou não, satisfatórios ou frustrantes, passionais ou violentos, e combinações disso tudo. “Obrigada por me dizer —ela era loira?— eu deveria ter previsto isso” foram as palavras com que Cris melancolicamente reagiu quando eu não tive como não contar para ela que tinha visto seu parceiro daquele momento sentado com outra mulher em um bar pelo qual passei em Ipanema. Ela acrescentou que era uma longa história, caso eu quisesse que ela contasse tudo. Mas nunca me contou, e não sei se ela continuou a sair com esse homem. A pandemia, ficou claro em 2020 e 2021, claramente modificou a dinâmica favorecendo a heteronormatividade, com todos os seus efeitos negativos. Em contraste, outras encontraram parceiros junto a quem tornaram valores feministas como a liberação e a desconstrução da heteronormatividade parte de seus conflitos diários.

Dada a crise econômica e política no Brasil, para muitas, seus caminhos de vida no Rio levaram a um eventual retorno à Espanha, juntamente com seus parceiros de longa data ou novos, ou sozinhas. Se elas deixaram para trás algum homem, pode ter sido porque consideravam incompatível a vida como se vive no Brasil com o tecido social ao qual estavam retornando. Mais uma vez, as relações de sexo e gênero se interseccionavam com raça, classe e origem. Simplesmente não havia mais lugar para alguns homens na vida delas, e pelas mesmas razões que as levaram a desejá-los.

Ao longo dos anos, as minhas interlocutoras muitas vezes mergulharam profundamente na paisagem de gênero, sexualidade e desejo do Rio de Janeiro. Às vezes, em aparente tensão com seus princípios políticos autodeclarados, muitas “still looked for intensely virile, sexualized, and racialized men” (Piscitelli 2015, 285). Os processos de deixar que os homens se aproximassem e de manter distância eram entremeados de várias formas sem seguir padrões claros de gênero ou racialização. Ao fim, os parceiros no Rio ou de volta à Espanha poderiam ser cariocas, espanhóis ou homens de outros lugares, como hispanoamericanos. Uma das mulheres defendia esse último grupo

como um meio-termo satisfatório na busca por parceiros atraentes, sensuais, mas com afinidades. Assim, algumas pareciam ter aliviado sua propensão heteromelancólica, enquanto outras continuavam oscilando entre autorrealização bem-sucedida enquanto solteiras, e a eventual lamentação de que uma vida mais estável junto com outra pessoa continuasse sendo parte de seus desejos ativos.

CONCLUSÕES

Nas experiências de um grupo de mulheres espanholas que se autoidentificam como feministas e liberadas com homens locais no Rio de Janeiro, a confluência de desejo heterossexual, solidariedade feminista-queer, e ressentimento conjunto dos comportamentos machistas, levou a um jogo de compensações com a heteronormatividade e o comportamento patriarcal. As mulheres espanholas abraçavam a queerização da cidade e a defendiam contra a reação conservadora atual. Elas também sofriam de formas variadas quando um perigo sedutor se transformava em violência ou quando sentiam que o repertório de homens disponíveis para relacionamentos estava diminuindo. As minhas interlocutoras sentiam um anseio pela desconstrução dos homens, mas temiam que isso pudesse modificar o desejo dos homens ou pelo menos ampliá-lo a ponto de incluir pessoas queer. Sob a ordem de gênero do Rio de Janeiro, estruturada pelas práticas sexuais mais do que pelo gênero biológico, até os homens machistas eram capazes de viver sua heteronormatividade sem as mulheres cis. Ao longo dos anos, a heteromelancolia das minhas interlocutoras passou por momentos mais fortes e mais fracos na medida em que se entremeava e ressurgia em oscilações permanentes entre realismo desencantado, liberação real ou desejo, e esperança ambivalente.

O encontro de novates com a paisagem de gênero, sexualidade e desejo do Rio de Janeiro jogou uma luz diferente sobre as ambiguidades, inconsistências e os paradoxos que se desdobravam dentro de incontáveis oposições binárias de sexo e gênero assim como suas implicações desconfortáveis relacionadas a raça, classe e origem. Como parte da agenda de mulheres liberadas, as minhas interlocutoras gozavam de suas liberdades e desejos individuais, mas suas práticas sexuais continuavam permeadas por questões d

poder na sexualização e racialização de corpos e espaços. Possivelmente em um ato falho significativo, quando as mulheres espanholas denunciavam que os homens iriam virar gays, o que ficava mais claro era a revelação de seu conflito com a heteromelancolia. Nenhuma queerização, mistura e encruzilhada foi capaz de remover os binarismos de homem e mulher, penetrador/penetrade, hétero/homo, prazer/violência. O jogo infinito entre essas categorias co-constitui hierarquias, desigualdades e violência, assim como criatividade, paixão e prazer, afirmados ou subvertidos, ou ambas as coisas.

BIBLIOGRAFÍA

- ABDO, Carmita. 2008. *Mosaico Brasil*. <http://sites2.uai.com.br/tva/ja2/projeto_mosaico_brasil_coletiva_rj_mg.pdf>. Consultado 8/9/2021.
- ANZALDÚA, Gloria. 2005. “La conciencia de la mestiza: rumbo a una nova consciéncia”. *Revista Estudios Femeninos* 13 (3): 704-719. <doi:10.1590/S0104-026X2005000300015>.
- ARBUET OSUNA, Camila. 2019. “Feminismo/s: Entre el sincretismo y la paradoja”. *Debate Feminista* 59. <doi:10.22201/cieg.2594066xe.2020.59.05>.
- BUENO, Samira y FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. 2021. “A emergência da violência doméstica na pandemia: 1 medida protetiva de urgência concedida a cada 2 minutos”. *G1*, August 7. <<https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2021/08/07/a-emergencia-da-violencia-domestica-na-pandemia-1-medida-protetiva-de-urgencia-concedida-a-cada-2-minutos.ghtml>>. Consultado 11/9/2021.
- CASCAIS, António F. 2015. “O malogro da beleza, ou uma incapacitação crítica da homonormatividade”. *Configuracoes* 15: 71-83. <doi:10.4000/configuracoes.2639>.
- CERQUEIRA, Daniel, FERREIRA, Helder y BUENO, Samira (eds.). 2021. *Atlas da violência 2021*. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública.
- DAS, Veena. 2008. “Violence, Gender, and Subjectivity”. *The Annual Review of Anthropology* 37 (1): 283-299. <doi:10.1146/annurev.anthro.36.081406.094430>.
- DOMÍNGUEZ-MUJICA, Josefina, DÍAZ-HERNÁNDEZ, Ramón y PARREÑO-CASTELLANO, Juan M. 2016. “Migrating Abroad to Get Ahead: The Emigration of Young Spanish Adults During the Financial Crisis (2008-2013)”. En Josefina Domínguez-Mujica (ed.): *Global Change and Human Mobility*. Singapore: Springer, 203-223.

- DRUCKER, Peter. 2018. “A normalidade gay e a transformação queer”. *Cadernos Cemarx* 10: 199-217. <doi:10.20396/cemarx.v0i10.10927>.
- FACCHINI, Regina, CARMO, Íris N. d. y LIMA, Stephanie P. 2020. “Movimentos feminista, negro e LGBTI no Brasil: Sujeitos, teias e enquadramentos”. *Educação y Sociedad* 41. <doi:10.1590/ES.230408>.
- FRY, Peter H. 1982. *Para inglês ver: Identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar.
- GILROY, Paul. 2005. *Postcolonial Melancholia*. New York: Columbia University Press.
- GONZÁLEZ-FERRER, Amparo. 2013. “La nueva emigración española: lo que sabemos y lo que no”. *ZOOMPolítico* 18: 1-20.
- HEIL, Tilmann. 2019. “Muslim – Queer Encounters in Rio De Janeiro: Making Sense of Relative Positionalities”. *Ethnography* 1: 1-20. <doi:10.1177/1466138119859601>.
- 2020. “Post/colonial Reconfigurations: The Disregarded, Renewed Arrival of Spaniards in Rio De Janeiro”. *Journal of Immigrant and Refugee Studies* 18 (3): 326-340. doi:10.1080/15562948.2020.1754994.
- KULICK, Don. 1997. “The Gender of Brazilian Transgendered Prostitutes”. *American Anthropologist* 99 (3): 574-585. <doi:10.1525/AA.1997.99.3.574>.
- LIMA, Stephanie P. de. 2020. “‘A gente não é só negro!’: Interseccionalidade, experiência e afetos na ação política de negros universitários”. Tesis de doctorado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/346919>>. Consultado 21/6/2021.
- LUGONES, Maria. 2017. “The Coloniality of Gender”. En Wendy Harcourt (ed.): *The Palgrave Handbook of Gender and Development: Critical Engagements in Feminist Theory and Practice*. New York/Boston: Palgrave Macmillan/Credo Reference, 13-33.
- MOTT, Luiz R. B. y OLIVEIRA, José M. D. de. 2020. *Mortes violentas de LGBT+ no Brasil – 2019*. Bahia: Editora Grupo Gay da Bahia. <<https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2020/04/relatc3b3rio-ggb-mortes-violentas-de-lgbt-2019-1.doc>>. Consultado 7/9/2021.
- PELÚCIO, Larissa. 2014. “Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos queer no Brasil?”. *Revista Periódicus* 1 (1): 68-92. <doi:10.9771/peri.v1i1.10150>.
- 2016. “O cu (de) Preciado: Estratégias cucarachas para não higienizar o queer no Brasil”. *Iberic@l. Revue d'études ibériques et ibéro-américaines* 9 (printemps): 123-136.
- PISCITELLI, Adriana. 2014. “Violências e afetos: intercâmbios sexuais e econômicos na (recente) produção antropológica realizada no Brasil”. *Cadernos Pagu* 42: 159-199. <doi:10.1590/0104-833201400420159>.

- 2015. “Erotics, Love and Violence: European Women’s Travels in the Northeast of Brazil”. *Gender, Place & Culture* 23 (2): 274-287. <doi:10.1080/0966369X.2014.991697>.
- REA, Caterina A. y AMANCIO, Izzie M. S.. 2018. “Descolonizar a sexualidade: Teoria Queer of Colour e trânsitos para o Sul”. *Cadernos Pagu* 53: 1-38. <doi:10.1590/18094449201800530015>.
- SILVA, Moises L. e. 2017. “‘Don’t Mess with My Fags!’ – Said the Drug Lord: Queer Liberation in a Brazilian Favela”. En Moises L. e. Silva, Huon Wardle (eds.): *Freedom in Practice: Governance, Autonomy and Liberty in the Everyday*. London/ New York: Routledge, 144-163.
- SIMÕES, Júlio A. 2016. “O Brasil é um paraíso sexual - para quem?”. *Cadernos Pagu* 47: 1-23. <doi:10.1590/18094449201600470015>.
- SIMÕES, Júlio A. y CARRARA, Sérgio. 2014. “O campo de estudos socioantropológicos sobre diversidade sexual e de gênero no Brasil: ensaio sobre sujeitos, temas e abordagens”. *Cadernos Pagu* 42: 75-98. <doi:10.1590/0104-8333201400420075>.
- VELASCO, Clara, CAESAR, Gabriela y REIS, Thiago. 2020. “Mesmo com queda recorde de mortes de mulheres, Brasil tem alta no número de feminicídios em 2019”. *G1*, March 5. <<https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2020/03/05/mesmo-com-queda-recorde-de-mortes-de-mulheres-brasil-tem-alta-no-numero-de-femicidios-em-2019.ghtml>>. Consultado 16/9/2021.
- WARNER, Michael. 2000. *Fear of a Queer Planet: Queer Politics and Social Theory*. 4.ª ed. Cultural Politics 6. Minneapolis: University of Minnesota Press.